

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1894)
FRANCISCO RAMEL PESTANA (1875-1890)
JULIO MESQUITA (1895-1927)
JULIO DE MESQUITA FILHO (1915-1969)
FRANCISCO MESQUITA (1915-1999)

LUIS CARLOS MESQUITA (1952-1970)
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)
JULIO DE MESQUITA NETO (1948-1996)
LUIS VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1997)
RUY MESQUITA (1947-2013)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
ROBERTO CRISLIUMA MESQUITA
MEMBROS
FRANCISCO MESQUITA NETO
JULIO CESAR MESQUITA
LUIS CARLOS ALENCAR
RODRIGO LARA MESQUITA

DIRETOR PRESIDENTE
FRANCISCO MESQUITA NETO
DIRETOR DE JORNALISMO
EURÍPEDES ALCANTARA
DIRETOR DE OPINIÃO
MARCOS GUTERMAN

DIRETORA JURÍDICA
MARTIANA UEMURA SAMPATO
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE
PAULO BOTELHO PESSOA
DIRETOR FINANCEIRO
SERGIO MALGUEIRO MOREIRA

NOTAS E INFORMAÇÕES

Rota perigosa



As recentes mudanças na cúpula da PM paulista sugerem que, para o governo Tarcísio, a truculência policial é o melhor caminho para proteger a população – e, de quebra, ganhar votos

Causa inquietação a decisão do governador Tarcísio de Freitas de mudar quase toda a cúpula da Polícia Militar (PM) de São Paulo. Conforme o anúncio dos últimos dias, de uma só vez ele exonerou o subcomandante, coronel José Alexander de Albuquerque Freixo, e trocou mais da metade dos coronéis da cúpula da corporação, provocando insatisfação e revolta entre oficiais. Res-salvado o fato de que é prerrogativa do governador promover trocas em postos-chave da administração esta-

dual, inclusive nas polícias que estão sob seu comando, nada indica que a mudança tenha se dado por motivos técnicos e burocráticos ou promoções e transferências rotineiras – as chamadas “conveniência de serviço”, como argumentaram o gabinete do governador e a Secretaria da Segurança Pública, fazendo pouco da inteligência alheia.

É difícil dissociar as trocas da sensação de que está em curso uma mudança, para pior, do perfil da Polícia Militar e da própria segurança pública. Quatro coronéis promovidos fize-

ram carreira na Rota, a tropa de elite da PM e um dos batalhões mais letais da instituição. Agora cinco dos oito postos mais altos vêm da Rota, a começar pelo comandante-geral, Cássio Araújo de Freitas, único integrante da cúpula que foi mantido. Os coronéis que deixaram os cargos são contrários ao modo como as operações policiais na Baixada Santista vêm ocorrendo e são partidários da expansão do uso de câmeras nos uniformes dos policiais. Movidas por vingança depois do assassinato de policiais, as operações já contabilizam mais de 30 mortes por intervenção policial neste ano, número que sobe a 60 se considerado também o ano passado, quando a Secretaria da Segurança Pública deflagrou a chamada Operação Escudo. Trata-se da mais sangrenta ação da PM em mais de três décadas.

Assim como especialistas na área, os coronéis enxergam nas mudanças o peso político direto do secretário Guilherme Derrite – ele também um ex-capitão da Rota. Eis o ponto: parece evidente que as mudanças têm motivação política. Segundo tal ótica, tanto o governador quanto seu secretário parecem tratar a segurança pública não como um serviço público a ser prestado com base técnica e ancorado nas melhores evidências, e sim com os olhos de quem busca dividendos eleitorais. Convém lembrar que, antes de ser escolhido secretário, o sr. Derrite disse ser “vergonhoso” um policial que trabalhe cinco anos e não tenha “pelo menos” três homicídios em seu currículo. Para ele, policiamento tem tudo a ver com justiça-

to. Foi com esse tipo de pensamento que ele se elegeu deputado federal.

A rota traçada por Tarcísio de Freitas e Guilherme Derrite ameaça frustrar o esforço de aperfeiçoamento da PM paulista nas últimas décadas. Depois do choque trazido pelo massacre do Carandiru, em 1992, a instituição passou a trabalhar com a preocupação de obter resultados contra o crime com base em inteligência e evidências. Houve desvios no meio do caminho, mas o fato é que, de lá para cá, práticas e indicadores melhoraram. Nos últimos anos, em especial, São Paulo vinha reduzindo os índices da letalidade policial – não só pelo uso das câmeras corporais, como também por medidas como o investimento em armas menos letais para todas as patrulhas, a criação de comissões de mitigação de risco e apoio psicológico aos policiais. Os efeitos foram positivos para a população. Em 1999, por exemplo, o Estado registrava 44 homicídios por 100 mil habitantes; em 2022, esse número caiu para 8,4.

Esse esforço está em risco diante uma visão de fácil apelo a uma população que se sente assustada, insegura e desprotegida. O medo é uma arma poderosa e torna sedutora a estratégia do espetáculo, do endurecimento e da difusão de uma mentalidade de aniquilação de criminosos. A estratégia mais eficiente, que poupa vidas e respeita o Estado Democrático de Direito, não gera tanta visibilidade e muitas vezes é confundida com leniência com os criminosos. Há quem prefira transformar cadáveres em votos. ●

A hora da resiliência na Ucrânia

Após os temores do primeiro ano e as esperanças do segundo, a perspectiva é de uma guerra prolongada. Mas uma verdade permanece: a vitória de Putin será a derrota do mundo livre

Em 24 de fevereiro de 2022, o inimaginável aconteceu: quase 80 anos após a 2.ª Guerra, a guerra voltou à Europa com a invasão da Ucrânia pela Rússia. Hoje, exatos dois anos depois, a falta de uma perspectiva de grandes viradas de um lado ou de outro reduz as ansiedades. Mas a falta de um fim à vista reduz as esperanças.

Um ano atrás, a Rússia estava em posição ofensiva. Mas havia grandes preparativos, impaciência e expectativas em uma contraofensiva. As “bombas” vislumbravam uma janela de oportunidades: se os ucranianos empurrassem as linhas russas, Kiev poderia forçar Moscou a abdicar de seus objetivos maximalistas e entrar com mão forte em negociações de paz. Os “falcões” sonhavam em restabelecer as fronteiras anteriores

à atual invasão e eventualmente as fronteiras anteriores à invasão russa da Crimeia, em 2014. E sonhavam até com a queda de Putin.

Mas a contraofensiva malograra. As linhas estão engessadas. No Ocidente, disputas domésticas disfarçadas de doutrinas geopolíticas frustram o apoio à Ucrânia. A Europa aprovou um pacote de 50 bilhões de euros e está aumentando seus gastos em defesa, mas a hesitação em admitir que o dividendo da paz acabou traz dúvidas sobre se esse caminho será trilhado com a velocidade e a determinação necessárias. Nos EUA, um pacote de US\$ 60 bilhões aprovado no Senado segue incerto na Câmara. Falta aos aliados da Ucrânia uma teoria da vitória adaptada à nova situação.

Mas o contraste entre o ceticismo de hoje e o otimismo de um ano atrás não

deve ser exagerado. Basta pensar em dois anos atrás. Havia temor e mesmo pânico ante o risco de uma conflagração regional e mesmo de uma terceira guerra – possivelmente nuclear. Putin chegou às portas de Kiev e de sua meta: decapitar o governo ucraniano e instalar um regime fantoche. Essa meta foi frustrada e inviabilizada definitivamente. O mito do poderoso Exército russo herdado da União Soviética desmoronou. Não há o risco de a Ucrânia se tornar um satélite russo. Nem Moscou tem a capacidade militar de impor esse domínio nem os ucranianos o tolerarão. A questão é se a Ucrânia completará sua jornada rumo ao fortalecimento de sua nacionalidade, a consolidação de sua democracia e seu alinhamento com o Ocidente ou se sua frágil democracia se degenerará em um Estado autoritário e corrupto. Isso já seria uma vitória de Putin, ao menos no campo dos valores.

No campo de batalha, não há perspectiva de triunfo de um lado ou de outro. Mas isso não autoriza a complacência por parte dos aliados. Sem uma teoria da vitória coerente e convincente, aumentará a pressão sobre a Ucrânia para ceder seus territórios, assinar um tratado de paz e pôr um fim à guerra. Mas isso não seria um fim. Só um intervalo antes da próxima agressão de Putin.

Outra alternativa é um congelamento de facto do conflito, com a luta contida no palco atual, mas prolongando-se

indefinidamente. Uma alternativa intermediária seria o armistício, com um fim das hostilidades, mas sem uma definição política formal, como é entre a Coreia do Sul e a do Norte até hoje.

Em todo caso, o objetivo num futuro próximo deveria ser criar um espaço defensivo estratégico para que a Ucrânia possa reconstruir sua economia. Apesar do impasse por terra, o país recuperou seu canal de escoamento no Mar Negro. Mesmo que a inclusão na Otan seja inviável em meio ao conflito, é possível acelerar o passo rumo à integração na União Europeia, incentivando as instituições democráticas no país. Nada disso será possível se a Ucrânia não receber as armas de que precisa para resistir à Rússia neste ano. Com treinamento, defesas aéreas, artilharia e drones, a Ucrânia poderia, no futuro, voltar a empurrar as linhas russas longe o suficiente para iniciar negociações numa situação favorável.

Crucial agora é resgatar o moral das populações da Ucrânia e de seus aliados. Para isso, mesmo sob uma montanha de incertezas, seus líderes têm ao alcance da mão uma verdade cristalina e adamantina: uma vitória de Putin não seria uma mera derrota da Ucrânia, mas de todo o mundo livre. Seja lá como se desdobre a guerra, essa clareza moral não será obscurecida. Mas essa luz será inútil se não for convertida em energia. ●

PARTE DO DESTAQUE DE 18 MARÇO DE 2024
PressReader.com.br 11 004 2718 8604
Contato: 011 3100-0000

pressreader